

Paradigmas da Ciência da Informação

Palestra proferida por **Solange Puntel Mostafa**, Pós-Doutora em Ciência da Informação, professora titular no curso de pós-graduação em Biblioteconomia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP).

A primeira questão ligada aos Paradigmas é a questão da crise dos paradigmas. É um debate que não só a universidade discute mas todo mundo está falando nisso. Todos estamos vivendo momentos de mudança e o que se discute é a própria mudança. Em que sentido ela guarda relações com o que não mudou. Ou será que tudo mudou? A crise dos paradigmas científicos ou a crise da ciência é uma das faces das crises culturais. É uma das faces da nova ordem mundial. Alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial” (Caetano Veloso).

O que se diz é que os paradigmas clássicos da ciência, tanto das ciências físicas quanto das ciências biológicas e das ciências sociais não dão mais conta de explicar a nova ordem mundial. A nova ordem organiza-se em torno da informação e das novas tecnologias e aqueles paradigmas clássicos foram pensados para um mundo industrial. As leis de Newton que nós aprendemos no colégio são leis masculinas e deterministas. Mecanicistas até. Que matéria atrai matéria. Eu atraio vocês. Vocês me atraem. Que a terra por ser uma matéria grande atrai todos os corpos. As leis de atração e repulsão dos corpos, enfim tudo isso está sob suspeição.

Hoje fala-se muito no imponderável, no acaso, no desconhecido, na paralogia e não na lógica cartesiana. Não se trata mais de ser lógico mas paralógico, alguma coisa que fica ao lado, antes ou depois da lógica; aliás a ciência do século passado é tido como masculina, *yang*, viril e então teríamos que flexibilizá-la no feminino, no sentimental, no imponderável, no indeterminado.

* Os textos das palestras fizeram parte da programação do 1 ° Ciclo de Palestras do Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, realizado de 31 de março a 16 de junho de 1995, sempre às sextas-feiras. Os trabalhos foram reproduzidos como enviados pelos autores, refletindo portanto o estilo próprio de cada um.

COMUNICAÇÕES: Palestras

Algumas dessas teorizações são respeitáveis outras são bastante questionáveis, como as do Ponto de Mutação de Fritjof Capra. Questionáveis ou não, o importante é que a discussão está aí e nós precisamos revisita-la.

Fala-se na decomposição dos modelos clássicos e na obsolescência de noções como sociedade, comunidade, capitalismo, divisão do trabalho, consciência coletiva, classe social, consciência de classe, nação revolução, etc. No lugar desses pesados conceitos da modernidade outras categorias deveriam compor o centro das análises como indivíduo, ator social, movimento social, identidade, diferença, cotidiano, escolha racional.

Desde o término da II Guerra Mundial, e agora nos últimos 30 anos, está no centro dos debates a questão dos princípios ordenadores do real: se é classe ou indivíduo, se - é passado ou presente, se teoria ou empiria, se análise sincrônica ou diacrônica, se devemos ser lógicos ou históricos.

Desde que Bachelard saiu com a estória dos cortes ou rupturas epistemológicas, ou mesmo o Thomas Kuhn com a ciência normal e a ciência revolucionária, muita gente saiu cortando e rompendo com antigas noções, criando novos laços, novos paradigmas. A ruptura está aí. É real. Foi consumada. Está em toda parte. Resta-nos analisá-la para vermos até que ponto ela é real ou imaginária. Na História, na Sociologia e na Filosofia, a ruptura está perfeitamente colocada, já com autores e escolas.

Pelo título dos livros já dá pra ver: *História em migalhas*, *História da vida privada*, *História do medo*, *História da morte* ou então *História da sexualidade*, *História da sexualidade das mulheres*. *Sociologia do cotidiano*. *O cotidiano na história*. *A História oral*. *Conversa de mulher* (conversa de mulher é título de tese de mestrado). Um outro título importante é *A conquista do presente* (não importa o autor ainda) apenas ressalto a questão do presente como conquista.

Então vejam: são títulos que não poderiam ter aparecido no começo do século. Alguns deles apareceram na década de 50 ou 60 e referem-se à Idade Média, como os textos dos historiadores da História Nova que foram lá na Idade Média analisar as mentalidades medievais para provar que a afirmação determinística de que a infra-estrutura econômica determina a cultura ou a superestrutura não estava tão correta pois, no nascimento da Idade Moderna, as mentalidades ainda eram medievais.

COMUNICAÇÕES: Palestras

Esses historiadores quiseram, assim, enfatizar a autonomia da supraestrutura, dos costumes, dos sentimentos, etc. E fazem-no no período medieval justamente porque as mudanças nesse período foram muito lentas.

Mas há também outra versão dessa História Nova que pega o presente mesmo. Em ambas as versões da História Nova o que se quer é resgatar os fatos do cotidiano em contraposição aos fatos econômicos e sociais. Por isso é que eles vão pelos costumes, pelas mentalidades, aos fatos econômicos e sociais. A História com H e no singular transforma-se em histórias (com h minúsculo e no plural). Neste sentido, uma análise da cultura também ajuda a entender a crise paradigmática: no filme *Forrest Gump*, a História da América se confunde com a história de Gump. A História vira versão, relato, conto. Aliás, o subtítulo do filme é “contador de histórias”. Num mundo de versões e de histórias, qual delas “retrata” o real?

É claro que cada um de nós é uma subjetividade, é um sujeito e um ego que pensa. Cada um de nós é uma história. (E o outro é outra história). Mas é ilusório achar que o que vai na minha história não tem nada a ver com o outro. Ninguém faz história sozinho. Ninguém pensa no ar, sem concentração. É preciso ter áreas de concentração. Linhas de pesquisa. Para não cairmos no individualismo metodológico.

Paradigmas nas Ciências Sociais

Os paradigmas contemporâneos do pequeno, do cotidiano, do corriqueiro, das versões, da oralidade, colocaram uma espécie de contraponto nas macrointerpretações. Impossível negar a validade do seu aparecimento. Era, quiçá, o contraponto necessário. Eu não acredito no aparecimento de idéias por nada, por pirraça, por arbitrariedade. Como diz o Gramsci, as construções arbitrárias são mais ou menos rapidamente eliminadas pela competição histórica.

O que precisamos é da paciência histórica. As gerações vindouras saberão fazer a síntese da crise atual.

Estão em crise não só os marxismos mas também os funcionalismos. Enfim, os paradigmas clássicos das ciências sociais. Para os autores pós-modernos como Mafesoli, Baudrillard, Lyotard, mas também muitos

COMUNICAÇÕES: Palestras

outros, o funcionalismo também não funciona mais. É um paradigma tão abrangente quanto o marxismo. Para os pós-modernos, aliás, a própria questão paradigmática é coisa ultrapassada da modernidade. Não se trata mais de ter modelos de conhecimento. Conhece-se por saltos e não por analogias. Enquanto os paradigmas clássicos discutem as formas de se chegar à totalidade (o funcionalismo chega lá pelo princípio da contradição), há toda uma corrente pós-moderna - hoje dizendo inclusive que a totalidade não existe, é fantasia da modernidade.

Outra coisa é a abrangência do paradigma. Um paradigma pode comportar várias teorias. Marx e Gramsci têm teorias, linguagens e temáticas diferentes. Mas o princípio da contradição é o mesmo para os dois. O princípio é aquilo de que tudo depende de algum modo. É um princípio mesmo. Algo que começa, que principia. Durkenheim e Merton têm teorias, linguagens e temáticas diferentes. Mas o princípio da causação funcional vige para os dois. Mafesoli, Lyotard, Baudrillard falam de coisas diferentes. Lyotard trabalha basicamente com a questão da ciência. Mafesoli e Baudrillard já vão mais para o social, mas o princípio do indeterminado e do jogo de linguagem metafórico próprio de quem quer criar neologismos e novas imagens é comum aos três.

Em qualquer paradigma há momentos lógicos pelos quais temos de passar na hora de fazer ciência: aparência e essência, parte e todo, singular e universal, sincrônico e diacrônico, quantidade e qualidade, histórico e lógico, passado e presente, sujeito e objeto, teoria e prática.

Uma parte da controvérsia sobre paradigmas clássicos e contemporâneos passa pelo problema da historicidade do social. Entre os paradigmas contemporâneos (pós-modernos) são freqüentes as propostas teóricas que simplesmente abandonaram ou empobreceram a perspectiva histórica.

Os paradigmas mais contemporâneos vão mais pelo corte sincrônico, como se o real não estivesse atravessado por contradições ou por estruturas de dominação e apropriação.

É importante perceber a dialética da coisa: o geral está no particular e vice-versa. O diacrônico está no sincrônico e vice-versa. O passado está no presente e vice-versa. Os momentos históricos privilegiam um ou outro dando-nos a impressão de que estão separados. (Ontem foi o geral. Agora é hora do particular. Ontem foi a estrutura. Agora é o indivíduo na

COMUNICAÇÕES: Palestras

sua singularidade). É o mesmo caso da indução e da dedução. O processo de conhecimento é indutivo e dedutivo ao mesmo tempo. Mas historicamente a indução e a dedução foram percebidos separadamente. Os gregos começaram com a dedução (todos os homens são mortais). Depois, a ciência moderna precisava de experimentação; então precisava da indução. Até que chegou o Popper aqui no nosso século para nos dizer que a indução é babaquice e bom mesmo é a dedução. Um jeito de pensar mais dialético e menos formal perceberia que conhecer também é induzir. Tanto quanto deduzir.

A relação sujeito-objeto varia segundo o paradigma em apreço. No funcionalismo e no estruturalismo a relação é de exterioridade. O sujeito aqui e o objeto lá.

A fenomenologia supõe certa cumplicidade e a dialética leva à hipótese da dependência mútua, recíproca, sujeito e objeto se construindo simultaneamente.

Há pesquisadores que se saem muito bem na sociologia da ação. A autora de *Conversa de mulher é exemplo* (Mazza, D. Unicamp, 1989). Isso deve ser a prova de que uma coisa é relativismo epistemológico, aquele que navega por todos os paradigmas e não produz teorias por falta mesmo de - um fio condutor. (Tudo é tudo, nada é nada, tudo é nada, nada é nada). Até os behavioristas saem com alguns resultados interessantes. Por quê? Por causa do fio condutor. É preciso escolher o fio. Mas esse fio não se escolhe no supermercado; os paradigmas não estão na prateleira para a gente escolher o de maior qualidade. As crenças populares não se formam assim. São normas de conduta. É postura de vida. É jeito de viver.

Os paradigmas e a questão da informação

Sociedade de Informações é um tema que, se analisado com os paradigmas liberais, vai dar aquilo que vocês têm lido nos artigos e nos livros dos americanos J. Naisbitt, P. Drucker, A. Toiler, D. Bell: uma sociedade cheia de informações, sem as pressões do fordismo, até porque a tecno-ciência agora faz os carros que a Ford fazia em 1930. Agora é o mundo do lazer. A forma liberal que o Daniel Bell tem de entender o tempo livre esbarra na "mediocridade dos prazeres do

COMUNICAÇÕES: Palestras

consumo". O Marx anteviu perfeitamente essa fase da sociedade de informações, mas ele nunca pensaria que o tempo livre é para fazer compras, tomar café ou passear de barco. O Marx está pensando o tempo livre como tempo de desalienação para desenvolver o trabalho intelectual, verdadeira natureza do homem. Claro que a nossa época é marcada pelo intelectual e é uma delícia tomar café com creme no shopping, mas a agenda marxista não está pensando em desalienação sem desapropriação. E aí entra todo o dilema da sociedade de informações que não consegue democratizar o acesso às informações. Não consegue porque não pode desapropriar as bases materiais da produção da riqueza. Esse é o dilema da sociedade de informações e é o dilema dos paradigmas liberais que lidam com o tema da Sociedade de Informações. O liberalismo só vê libertação pela idealização que faz da informação. Como se ela estivesse para todos. Isso é mito da economia pré-capitalista. Mito dourado. Aqui mais do que se expressa uma das teses centrais do marxismo: a infraestrutura determina a superestrutura ou, se quiserem um pensador americano, "o meio é a mensagem". A informação é alguma coisa difícil de ser apropriada. Porque quando eu a vendo eu não a alieno totalmente. Pois ainda a detenho. Ora, se a detenho, quais são as vantagens de quem compra? Quais as vantagens também para o vendedor, para a empresa produtora de informações, se, ao consumi-la, o comprador a está oferecendo de graça ou sem custos para outros compradores? Esses são os dilemas da economia da informação.

É por isso que as empresas e os capitais particulares se apropriam daquilo que é material; não só se apropriam da base documental que o capital gera mas, até mesmo numa fase anterior a isso, que é a apropriação dos cérebros dos cientistas e pesquisadores nos seus laboratórios de P&D (inclusive os pesquisadores de informação) bem como se apropriam também e, sobretudo, das redes de informação. Não me venham, portanto, falar em democratização do conhecimento via Internet.

"Portanto, todos os que, hoje, buscam rediscutir a prática histórica e atualizar o programa de crítica social e de libertação não podem abandonar a relação estabelecida por Marx entre os processos materiais de produção e consciência do ser social, numa determinada época

COMUNICAÇÕES: Palestras

histórica" (Dantas, Tese de Mestrado, IBICT, 1994). Hoje, mais do que nunca essas teses fundamentais do marxismo se confirmam. Por isso que o Marx saiu com aquela sacação metodológica de que a anatomia do homem dá a chave para entender a anatomia do macaco. Claro, é a sociedade mais desenvolvida que pode entender o funcionamento da sociedade anterior e não o contrário. Porque o presente de certa forma contém o passado. Os paradigmas liberais não dão conta de mapear a questão da informação. Apenas fazem a apologia da Sociedade de Informações.
